

O vocabulário regional em "Vila dos Confins"
Ieda Maria Alves
(UNESP)

Romancista representativo da corrente regionalista da literatura brasileira moderna ¹, Mário Palmério, autor de *Vila dos Confins*, é natural de Monte Carmelo, Estado de Minas Gerais. *Vila dos Confins*, seu primeiro romance, narra a história de uma eleição num lugarejo perdido no sertão mineiro, por meio da qual o autor mineiro revela aspectos da vida sertaneja. Caçador, pescador, político - deputado federal por M. Gerais em duas legislaturas -, toda essa experiência transparece no romance inaugural de M. Palmério.²

O lugarejo *Vila dos Confins* situa-se dentro dos limites do chamado Sertão dos Confins. No início do romance, lemos que, "começando na serra dos Ferreiros ou na margem esquerda do rio Urucanã, findando no Ribeirão das Palmas ou no espigão-mestre da Serra dos Papagaios, o fato é que o Sertão dos Confins existe. E é um mundão largado de não acabar mais" (p.3).

A leitura de *Vila dos Confins* revela-nos um vocabulário extremamente variado e minucioso. Ao descrever uma pescaria, cenas de uma caçada ou o dia-a-dia em um garimpo, M. Palmério mostra-se profundamente conhecedor do vocabulário específico dessas atividades. Podemos, assim, estudar vários vocabulários por meio desse romance.

Para descrever cenas ligadas à eleição em uma pequena cidade do interior de Minas, M. Palmério expressa dois tipos de unidades lexicais: elementos léxicos já existentes na língua portuguesa e elementos lexicais neológicos. Dentre os primeiros, são abundantes os brasileirismos. Não só regionalismos de Minas, como se esperaria de um autor mineiro, mas termos regionais de vários Estados brasileiros:

Escovas de dentes, unto para o cabelo, grampinho *ramona* (p. 11 - Goiás);

/.../ Paulo fazia o foco de luz amarela ir varrendo a galhaça das *coivaras* do barranco (p.17 - Maranhão);

Bicho caiu no rio, seu doutor, o *caboclo-d'água* só faz desta: mete o dedo na boca, dá o assobio, e ajunta a piranhama (p. 18 - Bahia);

Mantê-la em pé, *embodocada*, as mãos destreinadas de Paulo já quase não o conseguiam - (p. 38 - Rio Grande do Sul);

Eu mesmo o tirei, e já o trouxe salgado com sal e *pedra-ume* (p. 75 - Amazonas);

/.../ lá se ia de volta, puxando o lote, o garrotão *fumaça* (p. 158 - Região Sul);

Raça, como se vê, tinham os dois cachorros. Raça e exemplo, que *zagaieiro* assim como o Vasco nunca houve /.../ (p. 85 - Mato Grosso);

¹ Cf. Bosi, 1970, p. 478-81

² A 1ª ed. de *Vila dos Confins* data de 1956. O segundo romance de M. Palmério, *Chapadão do Bugre*, é de 1965.

/.../ longe, bem longe, lá perto do esgoto do *varjão*? (p. 18 - Nordeste);

/.../ ouvia agora bem nítido o ronco de automóvel subindo o *lançante* do espigão (p. 14 - M. Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso);

/.../ e nos planos para a apresentação retumbante do garrote azulego aos *zebuzeiros* de Uberaba - (p. 106 - Triângulo Mineiro e Goiás).

Particularmente rico em M. Palmério é o vocabulário relativo às atividades da pesca e às do garimpo, como se lê nos seguintes trechos:

Essa, a pescada de *tingui*, pescaria de *timbó*. Bem diferente, a *bundada* (p. 273) /.../ Raça de pescador parece raça de lambari: acaba mais não. *Espinel, rede de malhas e de arrastão, tarrafa, rede de estiva*: ferramenta de gente ambicioneira, que não se contenta com pouco. Fisga, zagaia, flecha, facão: tralha dos valdevinos, de povo cachoeireiro – peste de beirada de ferrador. É aí que se instalam: espremida na passagem apertada da corredeira, sobe a procissão da peixada adulta, rumo à *desova* (p. 274) – vocab. da pesca.

Gente novata na *desprecação* e nas *surucas*, separando e peneirando o *cascalho* bruto, amontoando no terreiro apenas o restolho aproveitável, que outra fila de carregadores vinha buscar para os *lavadores* e *peneireiros*. *Meias-praças*, esses tais: nata do serviços, estado-maior do garimpo (p. 123-4) – vocab. do garimpo.

Conhecedor da fauna e da flora brasileiras, M. Palmério cita frequentemente brasileirismos, referentes a designações de vários tipos de vegetação: *aroeira* (p.170), *cagaiteira* (p.298), *cipó-de-jão* (p. 213), *coco-da-baía* (p. 266), *guariroba* (p.17), *gameleira-branca* (p.144), *macaúba* (p. 17), *melão-de-são-caetano* (p. 104), *rabo-de-tatu* (p. 141)...; pássaros: *maritacas* (p. 94), *martins-pescadores* (p. 288), *patos-do-mato* (p. 287), *pássaro-preto* (p. 15), *pula-pula* (p. 170), *sofrê* (p. 15)...; variedades de gado: *azulego* (p. 98), *erado* (p.262), *fumaça* (p. 158), *marruco* (p. 111), *pantaneiro* (p.42), *sobreano* (p. 13), *xucro* (p. 38)...; peixes: “E mais e mais: *pacuaçus, piaus-três-pintas, matrinxãs* ... E no fundo? Ah, no fundo lá estão eles, os peixes de couro, grandalhões e bigodudos: *mandijubas e cascudões, paca-mãos*, feiosos e sempre taciturnos; *surubins abotoados, jaús*” (p. 259).

O emprego de brasileirismos em *Vila dos Confins* caracteriza-se também pelo recurso a formas consideradas de nível popular, familiar e gíriático.³ Os personagens de M. Palmério revelam uma fala de caráter popular, expressa por termos como:

/.../ tinham ido desviar a água na cabeceira do *corguinho* (p. 24);

/.../ e lá se vai a *desinfeliz* da piabinha, /.../ (p. 259);

³Seguimos a classificação estabelecida por A. B. de Holanda Ferreira (Novo dicionário da língua portuguesa). Rio, Nova Fronteira, 1975.

Lá vem ele. E *ganjento*, pilantra: /.../ (p. 9);

O chupão das *profundas* do rio levara quase metade da vara para dentro do rebojo (p. 38);

/.../ *ror* de dias sem notícia do filho, /.../ (p. 14);

Tenho uma corrente de prata lá em casa que anda atrás de uma *trenheira* destas para pendurar na porta (p. 12).

A fala simples do povo sertanejo manifesta-se ainda por meio de expressões familiares:

/.../ o Tinoco, coitado, vai ter de pagar quase o dobro pela *chacrinha*; (p. 19);

Tenho birra de jota não é à toa! Letrinha *encafifenta*” (p. 284);

Por que é que o *estafermo* do tio, tão prosa em certas horas, não conversava por ele? (p. 52);

Desta vez acho que ele *roda* (p. 35);

e de caráter gírio:

Aqui entre nós, Almeidinha, um *abacaxi* o tal crédito para a reestruturação... (p. 165);

/.../ *enrustindo* a afiada anzolama das unhas (p. 87);

Mas ninguém *estrilou* (p. 187);

Que bicho caiu agora – *xuá* balofo, surdo, de terra desmontada – (p. 18).

Muitos dos brasileirismos encontrados em *Vila dos Confins* consistem, na verdade, em elementos que concorrem com outras formações do português. Observamos, assim, a preferência do A. pelos adjetivos *ambicioneiro* (p. 108), *corajudo* (p. 83), *luxenta* (p.11), *pacioso* (p. 63) e pelos substantivos *bestagem* (p. 191), *bicharedo* (p. 42) e *desgraceira* (p. 275), de caráter popular e familiar, em detrimento de *ambicioso*, *corajoso*, *luxuosa*, *paciente*, *besteira*, *bicharada* e *desgraça*, formados com os mesmos radicais e pertencentes ao dialeto culto.

Além do emprego de grande número de termos regionais, *Vila dos Confins* apresenta vários elementos neológicos.⁴ São todos constituídos por meio de termos vernáculos, não se registrando, portanto, nenhum empréstimo a línguas estrangeiras.

A maior parte dos neologismos utilizados por M. Palmério consiste em neologismos sintáticos, isto é, formados por derivação e composição (cf. L. Guilbert, 1975). O

⁴ Consideramos neológicas as unidades lexicais não registradas por A. B. de Holanda Ferreira (op. cit.).

processo da sufixação revela-se o mais produtivo e, por meio dele, o A. cria um grande número de substantivos neológicos.

Com base em substantivos, adjetivos, adjetivos e verbos vernáculos, M. Palmério introduz no léxico português substantivos neológicos abstratos por meio dos sufixos *-ção*, *-eza*, *-ia*, e *-ura*:

/.../ vigie a *abrição* de água que estão aprontando!

(< v. abrir, p. 30);

Decerto para tratá-los com chá e *benzeção* /.../

(< v. benzer, p. 67);

A regra era seguir a batida da jardineira do Custódio sem *inventações* de moda – (< v. inventar, p. 200);

- Hum, que *chiqueza*! (<adj. chique, p. 100);

/.../ dono de toda largura e *comprideza* da estrada! (<adj. comprido, p. 10);

Galanteza de pedrinhas de toda cor: /.../ (<adj. galante, p. 105);

/.../ Antero Ferreira, de todos o mais sabido e experiente, perdia-se em afobações e *nervosias*, /.../ (<adj. nervoso, p. 226);

No chapadão, a *chatura* do terreno estancava toda a água que caía (<adj. chato, p. 196).

No romance de M. Palmério, numerosos são os substantivos abstratos constituídos por meio de sufixos indicativos de coleção, quantidade, que atribuem caráter de grandeza aos seres, animados e inanimados, que povoam o sertão de *Vila dos Confins*. *-Ada* e *-ama* são os mais produtivos, mas também são usados *-agem* e *-ia*:

/.../ planejando até uma criação para vender as iscas vivas à *companheirada* (<subst. companheiro, p. 36);

/.../ a *peonada* do Neguinha Capador espalhava-se pelo quintal o tempo todo, /.../ (<subst. peão, p. 107);

Um belo dia, chegou a *paulistama* e a *nortistama* – (<subst. paulista e nortista, p. 144);

Foi aí que enfrentei o Pedrinho Belo: lhe ofereci a *vacada* (<subst. vaca, p. 149);

Mas ficou nisso o começo da história: a *urubuzama* arranchada no pau (<subst. urubu, p. 191);

A *peixama* enriqueceu na lagoa do Seu Mundo (<substantivo peixe, p. 273);

/.../ via-se pela roupa,... pela *curralama* aparelhada, de madeira de lei, /.../ (<subst. curral, p. 142).

O universo humano descrito por M. Palmério é bastante variado, pois é caracterizado por personagens que exercem um grande número de profissões. Surgem, dessa maneira, muitas unidades lexicais neológicas designativas de agentes, as quais são expressas por meio dos sufixos *-ista* e sobretudo *-eiro*:

E adeus peão de boiadeiro, adeus *lavourista*, /.../ (<subst. lavoura, p. 122);

No fundo do buraco, os *alavanqueiros*, e enxadeiros, assistidos pelos *chupeteiros* que bombavam a água para fora (<subst. alavanca e chupeta, p. 123).

Como já observamos em relação a brasileirismos, *Vila dos Confins* apresenta elementos paralelos a formas de nível culto. Alguns dos substantivos neológicos citados – *abrição*, *chatura*, *comprideza*, *nervosia* - concorrem com unidades lexicais formadas pelo mesmo radical e diferentes sufixo e já registradas em obras lexicográficas: *abertura*, *chatice*, *compridês* e *nervosismo*.

Particularmente produtivos em *Vila dos Confins* são os substantivos e adjetivos constituídos com sufixos aumentativos, sobretudo *-ão* e o fem. *-ona*. Para os personagens do romance, o sertão é um mundo a perder de vista, em que as pessoas e os objetos parecem adquirir grandiosidade e dimensões em comum:

/.../ e olhem que é um *mundão* largado de não acabar mais - (<subst. mundo, p. 10);

Paulo ajeitou outro torete de munçum no *anzolão* (<subst. anzol, p. 36);

E o sujeito que mora ali, aluado e *esquisitão* (<adj. esquisito, p. 104).

No romance inaugural de M. Palmério, a criação lexical do autor é rica em substantivos, mas poucos são os adjetivos neológicos registrados. Os raros exemplos são formados com os sufixos *-ante*, *-eiro*, *-ento* e *-oso*:

O povo *chegante* tem mesmo bom coração (<v. chegar, p. 134);

/.../ a catar as últimas laranjas *grimpeiras* e temporãs /.../ (<v. grimpar, p. 107);

Só o nó-de-porco para dar aquela graça à espiralzinha *caroquenta* /.../ (<v. carocar, p.32);

Bom trato e publicidade, um nome *rompantoso* que eu ainda vou descobrir para ele, /.../ (<subst, rompante, p. 100-1).

A formação de verbos neológicos, em geral rara, está presente na obra de M. Palmério por meio de lguns empregos esporádicos, com base em substantivos e no sufixo verbal *-ar*:

A noite está uma beleza de clara e me deu vontade de *bagrear* um pouco no corguinho /.../ (<subst. bagre, p. 107);

/.../ vasqueiros fios de água a *contagotar* escondidos nas fundas moitas do capim-navalha /.../ (<subst. contagota, p. 195).

Pelo processo da parassíntese, verbos neológicos são criados, a exemplo de *engarranchar*, *esmagriçar*, evitando o A., desta forma, o uso de formas perifrásticas - fazer garranchos, ficar magro:

/.../ senão ela vai *engarranchar* na minha linha

/.../ (<subst. garrancho, p. 32);

/.../ *esmagriçava-se* o córrego, desafogando o capim-navalha das beiradas /.../ (<adj. magro, p. 256).

O processo de formação de palavras por meio da prefixação é pouco adotado por M. Palmério. Surgem com mais frequência os elementos neológicos constituídos com os prefixos de caráter negativo, *in-* e *des-*, e com o prefixo intensivo *re-*, que forma verbos neológicos:

/.../ mato esquecido, tranquilo, *inalcançado*: ...(<adj. alcançado, p. 84);

O boi respira e *destonteia*, /.../ (<v. tontear, p. 114);

Outros, porém, mal abrem o bico em um bocejo de pouco caso e *repegam* no cochilo: (<v. pegar, p. 190).

Por meio da composição, M. Palmério cria elementos lexicais facilmente interpretáveis. Forma substantivos por meio da justaposição de dois substantivos:

Bastava ver convivência do escrivão para se inundarem as seções de eleitores-fantasmas (p. 235);

/.../ serve ainda para tapar as vergonhas das meninas-mulheres, que, coitadinhas, estão numa penúria de dar dó (p. 134);

dois verbos:

A briga das duas águas - teimoso *desce-desce*, pirracento *sobe-sobe*: (p. 257);

verbo e substantivo:

A velhacada, o caboclo começa a tecê-la de manhã, na hora do *esquenta-sol*, /.../ (p. 132);

verbo, advérbio e verbo:

/.../ pairando as asas no *cai-não-cai* sustentado apenas pelo vento, /.../ (p. 94);

verbo, conjunção e verbo:

Gente para levar e trazer todo o dia, um tal de *carrega-e-traz* que eu não aguentava (p. 42);

/.../ deixando-me apenas um *devo-e-te-pagarei* de duzentos e vinte contos, /.../ (p. 151).

O processo de lexicalização permite a M. Palmério a criação de unidades lexicais em que o elemento determinante não é mais sentido como ocasional. Ao contrário, passa a fazer parte do conjunto sintagmático, como nos exemplos que se seguem:

Tranca de *boa-vida!* (p. 17);

E, se a pedra for grande, pura, bamburro mesmo de *fazenda-fina* especial, *sorte-grande* de centenas de contos? (p. 124).

Raros são os neologismos semânticos empregados por M. Palmério: resumem-se a algumas mudanças de classe gramatical:

É, está *colossa*, uma vela (adj.< subst., p. 32);

/.../ à medida que o *escorrido* do terreno se empinava /.../ (subst.< adj., p. 77).

O conhecimento da linguagem popular e familiar por M. Palmério não se expressa apenas pelo uso de termos regionais. A narrativa de *Vila dos Confins* é enriquecida com o emprego de várias expressões e mesmo provérbios de cunho popular:

Vamos ver agora a patroa. Dê um *quinau* nele, Da. Cota! (p. 64);

O pai faz o que ela manda. Que era *mão na roda*, isso era (p. 118);

O Bento, com essa história do Haroldo /.../, acaba tirando o *corpo* (p. 45);

/.../ não *prometo mundos e fundos* porque não sou homem de exageros e gosto de cumprir a minha palavra; (p. 177).

Não somente o léxico de *Vila dos Confins* manifesta o caráter regionalista dessa obra. Os personagens do romance comunicam-se por meio de uma estrutura sintática solta, sem normas, que revela o falar do povo sertanejo:

Sou homem acostumado mas é a fazer cerca de arame, rachar aroeira, /.../ Me meta nisso não /.../ (p.156-7);

Ora se! Mais de quinze marchas de Mangueiras até o Cerradão. A Maria sempre foi sacudida: chegou do mesmo jeito que saiu, alegrinha da vida. Aí foi que começou o duro feio (p. 149).

Mário Palmério revela, em *Vila dos Confins*, um vasto conhecimento de termos regionais do sertão brasileiro, construindo com eles uma narrativa rica em episódios nos quais se alternam cenas de interior, de atividades de garimpo, de caça, de tratamento de gado. Assim, *Vila dos Confins* proporciona-nos, além do prazer da leitura, a introdução a um rico e variado vocabulário regional e popular. No dizer de Ivo Barbieri, cabe ao autor mineiro "alimentar o romance, com genuidades léxicas e sintáticas, das falas do sertão".⁵

BIBLIOGRAFIA

BARBIERI, Ivo - Situação e perspectivas. In: COUTINHO, A (dir) *A literatura no Brasil*. Rio, Sul Americana, 1970. Vol. V.

BOSI, Alfredo - *História concisa da literatura brasileira*. S. Paulo, Cultrix, 1970.

FERREIRA, A. B. de Holanda - *Novo dicionário de uma língua portuguesa*. Rio, Nova Fronteira, 1975.

GUILBERT, Louis - *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.

PALMÉRIO, Mário - *Vila dos Confins*. 10 ed. Rio, José Olympio, 1967.

⁵ 1970, p. 479.